

TERRITÓRIOS DO PORTUGUÊS: VARIAÇÃO, LITERATURA E EXPERIÊNCIAS DE LEITURA

Regina Pires de Brito*

 <https://orcid.org/0000-0002-0634-8572>

Eliete de Jesus Bararuá Solano**

 <https://orcid.org/0000-0003-4076-4673>

Luísa Marinho Antunes Paolinelli***

 <https://orcid.org/0000-0002-0904-665X>

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves****

 <https://orcid.org/0000-0002-9951-7012>

PLURALIDADE DO PORTUGUÊS: VOZES E VARIEDADES

A língua portuguesa é a soma de todas as suas inúmeras variações. A riqueza desta nossa língua, a sua maior virtude, resulta de se ter expandido e enraizado em territórios muito diversos, absorvendo palavras, expressões e formas de dizer de outros idiomas

(José Eduardo Agualusa, in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa)¹.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). E-mail: regina.brito@mackenzie.br

** Professora dos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas e Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena da Universidade do Estado do Pará (Uepa). E-mail: elietesolano@uepa.br

*** Professora da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira (UMa). E-mail: lu.p@live.com.pt

**** Professora do Programa de Pós-Graduação Profissional de Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEP) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe). E-mail: francesfabiola@gmail.com

1 Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/as-minhas-duas-maes/> 4886. Acesso em: 31 maio 2025.



A reflexão proposta por José Eduardo Agualusa, em sua afirmação sobre a riqueza do português, serve como ponto de partida para o presente dossiê. De fato, a língua portuguesa, em suas múltiplas manifestações e contextos, constitui um dos pilares na construção de identidades nos países de língua oficial portuguesa e nas diversas comunidades lusófonas espalhadas pelo mundo. Sua diversidade manifesta-se como expressão da riqueza cultural e histórica de territórios que, ao lado de outras línguas maternas e de uso cotidiano, elegeram o português como uma das formas de expressão de suas experiências, memórias e culturas. Nesse cenário, a literatura de expressão (também) em língua portuguesa atua como espelho dessa pluralidade, ao retratar vivências, desafios e celebrações de identidades individuais e coletivas.

“Territórios do português: variação, literatura e experiências de leitura”, dossiê da *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), reúne estudos que exploram a diversidade linguística no espaço da lusofonia, analisam as relações entre as obras literárias e a constituição das identidades culturais, investigam como a leitura molda percepções e pertencimentos e refletem sobre os processos de ensino-aprendizagem da leitura literária. Ao articular perspectivas interdisciplinares que envolvem linguística, estudos literários e educação, o presente volume propõe-se a valorizar as múltiplas formas de existência do português – em suas variações e em suas distintas vozes.

Com efeito, os trabalhos que aqui reunimos partem de diferentes territórios geográficos, simbólicos e afetivos, revelando como o português, em suas dimensões histórica, política e cultural, é constantemente ressignificado por seus falantes. Além de discutirem a variação linguística como elemento de identidade e resistência, os textos evidenciam o papel da literatura e da leitura na formação de sujeitos críticos e conscientes, tanto em contextos escolares quanto em espaços de formação mais amplos. Ao fazerem isso, respondem ao chamado por uma educação linguística sensível às realidades plurais dos falantes, à escuta da alteridade e à potência transformadora da palavra.

Na sequência, apresentamos os artigos que compõem este dossiê, cujos temas atravessam práticas escolares, experiências de leitura, políticas linguísticas, manifestações culturais e reconfigurações identitárias, em contextos tão diversos quanto as escolas públicas brasileiras, as rezadeiras paraibanas, os territórios de fronteira no Uruguai, os desafios do acolhimento linguístico em Roraima e as produções culturais e literárias de Timor-Leste e Moçambique.

Abre este dossiê “Sopros necessários para a vida: notas sobre o projeto de leitura literária ‘Conversas’”, texto de Aline Dalpiaz Troian, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), e Flávia Brocchetto Ramos, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), partindo de abordagem pautada na pesquisa narrativa, que objetiva analisar aspectos do projeto de leitura “Conversas Literárias”, realizado com estudantes do ensino médio em uma escola pública. Os resultados evidenciam a formação de laços afetivos entre os participantes mediada pelo texto literário, além do surgimento de questões sociais e psicológicas vinculadas aos conflitos presentes nos contos trabalhados. Destacam-se, nesse contexto, experiências marcadas pela empatia e pela alteridade, pela problematização das estruturas sociais e pelo aprofundamento – ou início – de processos de autoconhecimento.

O artigo “O professor e seu trabalho em textos da literatura marginal-periférica”, de Bruno Alves Pereira, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), examina contos da obra *Te pego lá fora*, de Rodrigo Ciríaco, com o objetivo de compreender representações do professor e de sua atuação em contextos de exclusão. A literatura marginal-periférica é aqui analisada como espaço de denúncia e resistência, ao mesmo tempo que revela a capacidade de reinvenção do sujeito docente diante das adversidades escolares. O estudo mostra como a literatura periférica expõe as tensões do cotidiano escolar, os desafios do ofício e as possibilidades de emancipação simbólica dos professores retratados.

Em “Nomes próprios em contextos literários no ensino médio: um estudo exploratório”, de Amanda Kristensen de Camargo, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Uems), e Márcia Sipavicius Seide, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), analisam a função dos nomes próprios ficcionais como hipercódigos na literatura contemporânea brasileira. Com base no conto “Uto-pia”, de Amanda Kristensen, o estudo investiga como os nomes “Inês” e “Lia” ativam sentidos intertextuais e contribuem para a tematização de questões como abandono, fidelidade e esperança. A pesquisa enfatiza o papel dos nomes na construção de sentidos e na compreensão literária, revelando seu valor semântico e simbólico no processo de leitura.

O artigo “Timor-Leste em português: metalinguagem e poética da resistência”, de Camila Concato, da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec), analisa o papel do português em Timor-Leste como elemento de metalinguagem de resistência cultural e política. A autora demonstra como o idioma foi ressignificado pelos timorenses, tornando-se símbolo de identidade e de memória nacional. A partir de um diálogo que articula aspectos históricos, linguísticos e poéticos, são analisadas produções dos escritores timorenses Xanana Gusmão, Luís Cardoso e Maria Ângela Carrascalão, destacando-se a oralidade, os mitos e o bilinguismo como elementos centrais do exercício de reinvenção simbólica. A língua, nesse contexto, é apresentada como espaço de acolhimento dos traumas e de projeção de futuros.

Intitulado “Expressões idiomáticas e culturalidade linguística no contexto de Timor-Leste”, o artigo de autoria de Vicente Paulino, da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), apresenta um estudo sobre expressões idiomáticas em tétum – língua nacional timorense e uma das línguas oficiais do país – como manifestações culturais e linguísticas que transcendem a literalidade, funcionando como dispositivos de identidade e pertencimento. O autor aponta o conceito de “culturalidade linguística” como chave de leitura para compreender como tais expressões encapsulam experiências, rituais e visões de mundo timorenses, ressaltando sua preservação como forma de resistência simbólica e de manutenção da memória coletiva.

Em “Corpos que leem corpos: um olhar para os rituais de rezadeiras paraibanas”, Marcelo Vieira da Nóbrega, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e Radamés Alves Rocha da Silva, da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba (SEE-PB), analisam os rituais de benzimento praticados por rezadeiras no Triângulo Místico do Agreste Paraibano (Tmap). A pesquisa articula corpo, leitura e ritual como instâncias de enunciação simbólica, compreendendo o corpo como monumento semiótico que participa ativamente da enunciação ritual. Compostas por gestos, vozes e artefatos naturais, as rezas são compreendidas como

DOSSIÉ

práticas de leitura do corpo. Por fim, o trabalho evidencia o valor cultural dessas práticas, reforçando a importância da oralidade.

“El portugués uruguayo de la ciudad fronteriza de Rivera: acciones glotopolíticas, actitudes y representaciones lingüísticas de sus hablantes”, artigo de Silvia Etel Gutierrez Bottaro, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), analisa as representações linguísticas construídas por falantes do português uruguai no cidade fronteiriça de Rivera, com base em duas amostras coletadas nos anos de 2000 e 2017. Situada no campo da sociolinguística crítica, a pesquisadora examina os efeitos de ações glotopolíticas no Uruguai, especialmente no que diz respeito à convivência entre o espanhol, o português e a variedade híbrida resultante do contato entre essas línguas. O estudo evidencia como o planejamento linguístico estatal tem contribuído para a ressignificação das atitudes dos falantes e para a diminuição dos conflitos linguísticos em contextos marcados pelo bilinguismo e pela desigualdade simbólica. A comparação entre as duas amostras revela um movimento significativo: se no ano 2000 predominavam sentimentos de repressão, insegurança e vergonha associados ao uso do português local, em 2017 observa-se, sobretudo entre os mais jovens, o fortalecimento de posturas afirmativas, que reconhecem no português uruguai um marcador legítimo de identidade cultural e pertencimento regional.

O texto “Português em Roraima: trânsito entre línguas, culturas e identidades”, de Raquel Endalécio Martins e Luciano Martins, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), apresenta o contexto sociolinguístico do estado de Roraima, com ênfase no papel do Português como Língua de Acolhimento (PLAc), diante do crescente fluxo migratório venezuelano. O estudo analisa efeitos do contato entre o português, o espanhol e línguas indígenas, como o macuxi e o wapixana, que conformam uma paisagem linguística marcada por práticas plurilíngues e por intensas trocas culturais. Os autores evidenciam a importância do PLAC como instrumento de mediação nas relações sociais, contribuindo para a integração de migrantes e a efetivação de direitos. Propõem, por fim, uma reflexão sobre a pluralidade linguística como valor constitutivo de contextos fronteiriços e como potência para a construção de vínculos interculturais, em uma perspectiva que comprehende a linguagem como espaço de escuta, pertencimento e transformação.

Em “Explorando o espaço lusófono por meio de ‘As mãos dos pretos’, de Luís Bernardo Honwana”, Camila Augusta Valcanover, da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (Seed/PR) e Liliane Delorenzi, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), promovem uma análise do conto moçambicano à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das Leis nºs 10.639/2003 e 11.645/2008. As autoras refletem sobre a literatura como instrumento de valorização intercultural e de formação cidadã, defendendo práticas pedagógicas que evidenciem o caráter plural da língua portuguesa e promovam o reconhecimento das heranças africanas na constituição da identidade brasileira. A proposta de ensino de leitura literária apresentada se ancora em uma abordagem comprometida com a diversidade e com o entendimento da lusofonia como espaço simbólico de partilha.

Encerra este dossier “Gênero, raça e espaço no romance *Asas quebradas*, de Aldino Muianga”, de Jozanes Assunção Nunes e Silvana Alves dos Santos, ambas da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). No artigo, há uma rica análise crítica da obra do escritor moçambicano a partir de uma perspectiva

fundamentada em estudos feministas e na teoria bakhtiniana. As autoras investigam como as categorias de gênero, raça e espaço social manifestam-se na narrativa e demonstram as formas de opressão que desumanizam a existência das mulheres negras: exclusão educacional, precarização do trabalho e violência sexual. O romance dá voz a protagonistas negras cujas vidas são marcadas pelo poder patriarcal, pelo racismo estrutural, pelo sofrimento, pelo silenciamento e pela resistência. O mais importante: Muianga descortina as estratégias de sobrevivência das mulheres e suas reconstruções.

Com esse conjunto diversificado de textos, convidamos o/a leitor/a a explorar conosco esses territórios do português, onde a língua se revela viva, plural e em constante transformação. É nesse espaço fecundo de variações, vozes e histórias – onde o português se enraiza em diferentes geografias e absorve palavras, afetos e formas de dizer – que a literatura e a leitura nos ajudam a compreender as complexidades das identidades culturais e a importância de uma educação linguística que respeite e valorize essa diversidade.

Que a leitura desses textos inspire reflexões e diálogos sobre o papel do português como instrumento de resistência, pertencimento e criação de novos sentidos em diferentes contextos lusófonos.